

ANTES DE UM OUTRO RIO

Jose Manuel Mendes

sempre
maneira
cativado o luto a luz do medo

Partiremos depois
deixar-te-ei do resto mais rápido
do desamparo
junto ao resto do mundo
no entanto na realidade
nunca partez ferido
de a nível
do mundo

depois o mundo
a natureza

por não um artista
de 2021?

é certo absolutamente a mente

e reconhecer

João Manuel Nunes

mostar

chegará o inverno
e teremos perdido outras cidades

como quem olhou o naufrágio
à hora em que os barcos são pombos
de regresso ao vento

andaremos pela ruas
escombros do que fomos transidos
diante de uma porta para nenhures
o tempo desmoronou a canção
dos plátanos dizíamos adeus tão leves
meu amor e o rio já
suspense o frio a cinza
as borboletas
emudecendo

que estórias contarás
se não refluirmos à pedra
do sol trevo da terra esse jeito nómada
de esculpir caminhos?

entraremos no bar ao pé da catedral
mesmo que a neblina do jazz
nos preludie a véspera sorriámos havia
lágrimas úisque mirtilos o teu isqueiro
aceso
cadernos dois bilhetes para o
cinema a mão que te dava
e o ruído da máquina de café

deixa agora declinar
a tempestade
na memória
o cativo o luto a luz do medo

partiremos depois
beijar-te-ei no rossio mais frágil
do desamparo
junto ao rosto dos muros
no enlevo na aflição
numa pátria ferida
sob a vigília
dos morcegos

repara o mundo
arrefeceu

para quê um astrolábio
de ervas?
só resta adormecer a morte

e recomeçar

átrio

quantas palavras jogadas
no tempo de uma ilusão
quantas outras atordoadas
entre o sim e o não
ou apenas mal usadas
na margem de uma lição

quantas raivas e alegrias
quantas horas silenciosas
a bordar o ritmo dos dias
numa sala onde faltam ros
e o astro das liturgias
com o alvor das mariposas

fogo breve feito nada
no instante de uma escolh
muita chama encordoada
hoje apagada
folha a folha

talvez um dia

1.

olho a lonjura das águas arrefecendo à claridade do entardecer, a secura dos montes, as primeiras gaivotas no areal quase ermo. passam barcos ao longe, ladram cães. há uma balada antiquíssima neste andamento para a oclusão, noite e princípio, passos no soalho de dentro em véspera do recolhimento ou da procura, tantas vezes uma viagem de ilha em ilha sob o signo do eterno, tantas vezes a solidão de uma fogueira na restinga, os sons do mundo junto à árvore da utopia. neste instante apenas colho o que não tinha: uma cidade de sinos e transparências onde era a jangada esquecida em pleno acaso.

2.

o desabrigo da memória. tudo recordar num volejo inútil. ver como ardem as folhas que o tempo já secou e nem sequer lhes acudir com a luminescência do passado, rio a perder-se sob escombros. talvez um dia nasçam da cinza outras levitações de barro, outros vitrais. porque haverá sempre em nós o que abandonámos e fendemos, rizomas percorrendo a escuridão. evocar-te, evocar-nos. e saber a terra fria, o céu sem cor.

3.

aprenderemos a tranquilidade. a mão que toca o ombro sem que um pássaro de fogo principie. o olhar que nenhuma barca institua. depois de

tudo o que vivemos, um dia sentar-me-ei contigo à mesa e, no umbral do que não saberemos ser ainda a cordilheira esmaecida, direi apenas: peço para ti uma bica bem cheia? não terei ido à florista comprar glicínias nem me darás o luar primeiro de uma cigarra a cantar.

4.

uma fronteira. podemos correr até perto dela, olhar o vento com o rio no corpo. o sol de uma asa a revoar o tempo que fizemos secreto. mas não caminhamos para o outro lado. um torpor nos desagrega e interdita. sentamo-nos nas pedras, tocamos a flor serena em vez da lava, deixamos de sorrir porque a hora se enroupa na acidez das nuvens. a esse movimento chamarei crepúsculo, exaustão da cal. e à imobilidade pedirei, depois, a matéria reconstituente dos sonhos. enquanto, na lonjura, germinamos os passos que não teremos.

5.

não sei a urze, não sei a aragem. nomeio-te e acordo a luz. desenho mastros nos teu dedos e o mar acontece. há uma ave que inscreves no meu gesto. e atravesso as ruas, em melodia, para te reaver na água mais perfeita.

